

## Resenha

### ELOGIO DE LA LENTITUD: UN MOVIMIENTO MUNDIAL DESAFÍA EL CULTO A LA VELOCIDAD

Paulo Peixoto de Albuquerque<sup>1</sup>



Os tempos atuais são muito estranhos, não só pela pandemia ou pelo confinamento, mas principalmente pela desconfiança sobre aquilo que são nossas mais caras crenças: a normalidade de um modo de viver.

A leitura do livro ‘Elogio de la lentitud: Un movimiento mundial desafía el culto a la velocidad’ (Elogio à lentidão: Um movimento mundial desafia o culto da velocidade), de Carl Honoré, não só é pertinente como fundamental para um Programa de Pós-Graduação de Ensino na Saúde, porque sinaliza que refletir sobre a vida e o cotidiano permite compreender que há uma lógica social a ser captada no contraponto da normalidade aceita: que a rapidez e a velocidade são valores a serem assumidos por todos.

É exatamente a partir de uma percepção não-habitual do que é normalidade que se apresenta o *insight* temático do autor; sua experiência pessoal atua como porta de entrada para pensar a lentidão como categoria/conceito chave de um movimento que transforma tudo.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Ciências Sociais, Mestrado em Sociologia da Sociedade Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutorado em Sociologia pela Université Catholique de Louvain-la-Neuve. Professor associado da Faculdade de Educação (FACED) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.  
E-mail: albuquerque.paulo@gmail.com

Assumir a lentidão nas circunstâncias e no contexto atual faz com que nenhuma coisa seja uma consigo mesma, mas relacionada a modos de ser. Por isso, propõe outro modo de pensar o tempo sem ser em termos espaciais, como sendo necessário à transformação da vida que se apresenta estressante.

Seu texto aberto a partir de uma expressão de Gandhi – “Na vida há algo mais importante que incrementar sua velocidade” demonstra como o exercício analítico pode ser o elemento chave para compreender, na atualidade, como uma crença proposta pelo modo de produção capitalista, por ele chamado de “turbocapitalismo” mantém um tipo de vida que não concorre para que novos modos de atuar sejam estabelecidos nas relações sociais.

Assim, ao analisar os efeitos da lentidão no momento presente em que rapidez e velocidade se apresentam como valores a serem buscados - nas cidades, no trabalho, no lazer, na educação, na medicina – põe a nu toda a especificidade ambígua e tensional da cultura ocidental fundada no trinômio do consumo/obsolescência programada/crédito que evidenciam uma gramática: que tem na velocidade e na produtividade os valores e um modo de ser na sociedade.

Ao usar o retrospecto histórico como recurso heurístico dá conta que, em diferentes momentos, um modo de ser social pode, por seus excessos, apagamentos e silenciamentos ser fator de manipulação de histórias e memórias.

Dito de outra forma: trazer a temática da lentidão no terceiro milênio busca apontar que produtividade, velocidade, rapidez no produzir precisa ser considerado estranho.

Sua hipótese, que atravessa todo o texto, diz respeito ao potencial da lentidão como prática social para o enfrentamento da barbárie e dos retrocessos autoritários que nos valores sociais de produtividade e velocidade modelam o instável e incerto cenário proposto por um fazer social que privilegia apenas o econômico.

Seu texto desde o início diz que o tema da lentidão não é neutro tem implicações políticas e uma intencionalidade: escancarar que no movimento *slow* (lentidão) está em disputa um outro modo de cultivar, produzir, consumir. Ao identificar a pressa e no estresse como o mal maior de nosso tempo fica sinalizado que na cultura do *slow* (lentidão) está o comportamento necessário para viver o instante.

O texto nos mostra que o tempo e a sua passagem não é questão de reflexão só para filósofos, mas também para as pessoas comuns, pois na ideia de tempo concebida como sucessão de instantes está a noção de presente, passado e futuro e a maneira como os indivíduos organizam e realizam suas tarefas e experiências.

Por isso, viver o instante de outra maneira, significa romper com a lógica de uma cultura global, dominada pela impaciência que alimenta as cadeias produtivas.

Nesse sentido, o texto reitera em diferentes contextos e circunstâncias que aquilo que chamamos de presente, o ‘agora’, ou o tempo em que nossas experiências acontecem, corresponderá um modo de ser e viver que concretiza o futuro.

Convém destacar que a proposta das pessoas assumirem a administração do tempo não se dá de forma ingênua ou descolada da realidade, mas pela descaracterização da lógica binária (rapidez/produtividade) que ao organizar o cotidiano das pessoas não se evidenciam como mecanismos de controle de um modo de ser social e de modelagem da memória coletiva.

Importante ressaltar que por meio de experiências de lentidão se materializa, não só o um aprendizado social, mas as experiências políticas que, quando reconhecidas, são atualizadas e permitem compreender o que chamamos o ‘mal-estar da civilização’ presente.

Por isso, o autor não inventa argumentos, ele usa o tempo e as representações sociais sobre o tempo para nos dizer: se os modos de ser são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos, eles podem ser remodelados, alterados.

Destaco os capítulos 4 – As cidades: mescla do antigo e do novo; 6 – A medicina: os médicos e a paciência; 8 – O trabalho: os benefícios de um trabalho menos árduo e 10 – Os filhos: a educação de crianças tranquilas, como centrais por nos mostrar nestes temas que inatividade, inércia, a preguiça, enfim, todas essas acepções tidas como negativas nem sempre o são, ao contrário, lhe abre novas possibilidades de existir no futuro.

Se tomássemos o passado como um acontecimento acabado, um acontecimento que não mais tem a nos dizer sobre os fatos e ações do presente, teríamos uma narrativa única se projetando para um fim definido de antemão, sem perspectiva de um novo recomeço.

Por isso, o movimento *slow* para o autor não é só um exercício lógico intelectual de abstração do real, mas o recurso epistêmico para evidenciar que nas concepções de um modo de ser na sociedade de consumo e da produção rápida há sempre uma memória ou experiência política proposta que pode se caracterizar como contra hegemônica.

Ao reivindicar e assumir a lentidão como proposta o autor reitera que no viver mais devagar pode estar a estratégia ou a forma que na prática o cidadão poderá desafiar no século XXI uma prática social onde tudo é vivido de modo rápido.

Para tanto, o movimento *slow* aparece como proposta para pensarmos mais sobre como administramos o tempo e o que fazemos dele. Não se trata de fazer a apologia à lentidão ou de considerar que a produtividade no trabalho é algo negativo; nem significa recusar as

tecnologias, os aspectos positivos da globalização e os avanços das ciências, mas apresentar a lentidão como conceito-chave capaz de equilibrar tudo isso, alcançando, não só a sustentabilidade, mas um outro modo de viver.

Dizem que na comunicação escrita, as pistas do texto e a possibilidade de diálogo imediato é vetada devido à defasagem de tempo entre a produção e a recepção do texto. Entretanto, quando em função do confinamento e do distanciamento social proposto para dar conta da crise sanitária – coronavírus 2020 – a leitura como um ato individual e como uma prática social (LERNER, 2002) possibilita que leitor e texto/livro se encontrem para reelaborar o contexto textual e imediato quando do ato da leitura.

É através da experiência da lentidão que o indivíduo é levado a descobrir os mistérios do texto e da leitura, já que a mesma o ajuda a compreender e estabelecer relações entre as coisas do mundo tomando como base aquilo que ele já conhece.

O sentido da lentidão atualizado neste livro específico atua de modo a não esquecermos a fábula de Esopo: na corrida da lebre com a tartaruga: é a tartaruga que vence, por sua perspicácia, regularidade e valorização do tempo que nos tempos atuais nos escapa.

Boa leitura!

### Referências

HONORÉ, C. **Elogio de la lentitud**: un movimiento mundial desafía el culto a la velocidad. Barcelona: RBA, 2017.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.